

Redução da ociosidade passa por adesão ao gás natural

Um problema que não se limita ao complexo petroquímico de Triunfo e atinge todo segmento nacional é a queda da capacidade produtiva na indústria. O mês de abril, por exemplo, marcou o menor nível de uso das indústrias químicas dos últimos 17 anos no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

O déficit na balança comercial de produtos químicos atingiu US\$ 15,5 bilhões até abril (retração de 10,3% na comparação com igual período de 2022), e US\$ 61,2 bilhões nos últimos 12 meses (redução de US\$ 1,8 bilhão frente ao recorde de US\$ 63 bilhões obtido em 2022).

"O desafio é retomar a competitividade da indústria química nacional de uma maneira sistêmica, pois somos muito competitivos em relação às tecnologias e às vantagens

naturais do País, que possui matriz energética limpa, o que pode agregar muito valor aos nossos produtos", diz André Passos, presidente da Abiquim.

O plano que Passos defende é o uso de gás natural como matéria-prima da indústria química, o que poderia injetar até R\$ 70 bilhões em investimentos no País nos próximos cinco anos, mas, em contrapartida, demandaria obras grandiosas em infraestrutura para construção de gasodutos, com custo estimado em R\$ 30 bilhões aos cofres públicos, segundo apurou consultoria contratada pela Abiquim. O novo programa, já apresentado ao Ministério de Minas e Energia, se chama "Gás para Empregar". O estudo contratado pela Abiquim estima a criação de 2,8 milhões de novas vagas de trabalho com a realização do projeto.

Por outro lado, o gás natural ainda é pouco usado como matéria-prima na indústria química, e muito usado como matriz energética para o segmento. É o que acontece em Triunfo, onde a nafta é componente primário dos insumos, mas o gás natural tem função energética.

"A indústria petroquímica nacional já foi muito relevante no cenário mundial e hoje ela é a 6ª no ranking, mas poderia ser a 4ª sem muito investimento, só trabalhando na capacidade ociosa", diz o diretor administrativo do Comitê de Fomento Industrial do Polo (Cofip RS), Sidnei Anjos.

Diante do cenário desafiador, ser competitivo só é possível com criatividade nos negócios e investimento pesado em tecnologia. Ao longo da década de 1990, por exemplo, ciclos de modernização



PEDRO FRANCA/AGÊNCIA SENADO/DIVULGAÇÃO/JC

Passos lembra que fonte injetaria R\$ 70 bilhões em investimentos no País

da planta buscaram aumentar a automação.

O Polo mobiliza atualmente 7,3 mil trabalhadores regulares, entre direto da indústria e terceiros de modo contínuo, mas esse número já foi quase o dobro.

Já nos negócios, o executivo da

Cofip RS conta que todas indústrias petroquímicas de Triunfo têm investido para ser cada vez menos fornecedoras de commodities e cada vez mais de especialidades, produzindo o grid das peças de acordo com a demanda do cliente, o que agrega valor na produção.



BRASKEM/DIVULGAÇÃO/JC

Como funciona a petroquímica gaúcha?

Em Triunfo, as indústrias são responsáveis por dois dos três elos da cadeia petroquímica. No elo inicial, a central de matérias-primas, administrada pela Braskem, é responsável pela produção de insumos básicos de 1ª geração. É nesta etapa em que a nafta (principal matéria-prima), condensado, gás e etanol são transformados em eteno, propeno, butadieno, MTBE e solventes.

Depois, os insumos são transportados para as outras plantas de 2ª geração do complexo, formado por Braskem, Arlanxeo, Oxiteno e Innova. É dali que os compostos são transformados em resinas e insumos que abastecem diversos outros segmentos industriais, como o de fabricação de plásticos, borrachas, pisos e produtos farmacêuticos.

Polo Integrado da Química caminha a passos lentos

O Polo Integrado da Química é um sonho antigo dos operadores em Triunfo, mas que caminha a passos lentos, freado pelo desaquecimento da indústria petroquímica no País. Mesmo assim, novas empresas já estão mais próximas de começar a operar no complexo, que abrange o distrito industrial de Triunfo e Montenegro.

"É uma iniciativa pioneira no Brasil, que deverá reduzir o custo de produção das indústrias que participarem do cluster e facilitar em muito na logística, mas entendo que existem fatores nacionais que atrasam a sua consolidação", salienta André Passos, presidente da Abiquim. Quem deve inaugurar no Polo Integrado da Química é a fábrica de cimento e argamassa Hipermix, cujo início da operação

está previsto para este mês de maio. Outras duas indústrias também estão em tratativas: a indústria de asfaltos Traçado já obteve o licenciamento e foi autorizada a iniciar suas obras; já a Sulboro, que produz fertilizantes, ainda está em fase de licenciamento. "A Sedec está tratando com algumas outras empresas, mas ainda não foram confirmados os investimentos", disse em nota a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedec).

A iniciativa busca atrair novas empresas ao Polo da região Sul, em especial indústrias químicas e de 3ª geração, responsáveis por transformar as resinas em produtos já finalizados. A vantagem seria a proximidade com os elos da cadeia, a logística e infraestrutura já pronta para operar, além de incentivos

fiscais para determinadas operações. O projeto foi idealizado no governo Sartori (2015-2018), mas começou a sair do papel há 3 anos.

O complexo também comporta o Sistema Integrado de Tratamento de Efluentes Líquidos (Sitel), administrado pela Corsan, com capacidade de tratar até 30 mil metros cúbicos por dia. Até o ano passado, eram oferecidos 36 lotes na região do Polo Integrado da Química, mas este número subiu para 44 lotes em 2023, com área total disponível de 149 hectares, segundo dados da Sedec.

O Polo Integrado da Química tem parceria das prefeituras de Montenegro e Triunfo, Sindicato das Indústrias Químicas do RS (Sindicim), Cofip RS e Braskem, além do governo do Estado.

Uma história de sucesso só pode ser construída com compromisso ético, trabalho e espírito inovador.

Nós da Universidade Feevale parabenizamos o Jornal do Comércio pelos seus 90 anos de compromisso com o jornalismo.

UNIVERSIDADE
FEEVALE